

O ESTUDO DA PESQUISA CIENTÍFICA SOB UMA NOVA VERSÃO: A TECNOLOGIA DAS IMAGENS

São Paulo SP abril 2013

Lucilene Cury - Universidade de São Paulo - lucilene@usp.br

Cléo Tibiriçá - Universidade de São Paulo - cleonildi.tibirica@usp.br

Categoria: C

Setor Educacional: 3

Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD: D

Nível Meso: H

Natureza: B

Classe: 2

RESUMO

O presente artigo discute a proposta de uma abordagem diferenciada nas aulas da disciplina de graduação Teoria e Métodos de Pesquisa, a partir da utilização da tecnologia - mais especificamente a mídia cinematográfica - para a construção e apropriação de saberes sobre os aspectos epistemológicos da Ciência. Iniciamos o trabalho com uma reflexão teórica sobre a tecnologia e seu uso na ciência, na educação e na universidade, de maneira mais geral e, finalizamos com novas indagações que nos foram aparecendo no decorrer do mesmo. Utilizamos o método comparativo entre o mundo acadêmico europeu e o americano para pensar o nosso próprio modelo universitário, com o caso da Universidade de São Paulo, mais diretamente, o da Escola de Comunicações e Artes.

Palavras-chave:

educação superior; educação a distância; tecnologia; pesquisa; ciência.

O Estudo da Pesquisa Científica sob uma nova versão: a tecnologia das imagens

A indagação que norteia este trabalho diz respeito ao papel da Universidade na Sociedade da Informação em que nos encontramos circunscritos. Muito já se falou sobre isso, inclusive com mais amplitude, como no caso do instigante livro *Les Universités sont-elles solubles dans la Mondialisation?*[1]. Também em nossas reflexões sobre o tema, tratamos da tecno-ciência à luz do pensamento de J.Derrida [2], a fim de situar a Universidade no espectro geral da tecnologia, conforme pode ser verificado em artigo apresentado no XXIII INTERCOM -Congresso de Comunicação [3].

Assim, a partir da academia, onde está inserida nossa prática profissional, tratamos de analisar as mudanças sociais geradas pelas tecnologias digitais e, ao mesmo tempo, avançar no sentido de acompanhar essas mudanças, a fim de contribuir para a atualização dos cursos para, principalmente, adequá-los aos paradigmas científicos emergentes e, com isso, tentar a aproximação da Universidade aos anseios e necessidades dos jovens deste século XXI.

Em *Les Universités: sont-elles solubles dans la mondialisation?*, Davidenkoff e Kahn desenvolvem ideias em consideração ao futuro do ensino superior europeu, tendo em vista o caso francês em especial, analisando os impactos da mundialização na universidade em um país que historicamente privilegiou um tipo de educação humanista e, hoje, se depara com o desafio de modernizar seu sistema já tão consolidado.

A retrospectiva dos autores parte do Tratado de Bologna, de 1999, assinado entre sete países europeus, liderados pela França, que pretendia estabelecer diretrizes comuns para o ensino superior entre os Estados signatários, iniciativa que se traduz no comprometimento Europeu, na época,

com uma agenda política baseada numa “economia do conhecimento mais dinâmica e mais competitiva”.

A partir, então, de uma comparação com o sistema americano de educação superior, segundo a qual a aparente preferência de estudantes de todo o mundo pelas universidades americanas seriam consequência de seu influente soft power - que divulgaria e introduziria os valores das elites americanas nas mídias, no ensino e na cultura - os autores continuam delineando as características dos dois sistemas. Ainda que apontem que os diplomas americanos sejam multidisciplinares, enquanto os europeus mantiveram seu caráter mais tradicional, os autores também recordam que, na Europa, a educação (inclusive a superior) tem sido considerada um direito do cidadão, ao passo que os norte-americanos insistem em compreendê-la como um investimento, razão pela qual a gratuidade não é um fator recorrente nas instituições do país e acaba por se caracterizar como um certificado para inserção e mobilidade social.

Os autores citados observam, também, que a herança humanista europeia presente nas universidades americanas de hoje combina com uma percepção utilitarista do ensino, que implica no desenvolvimento de conhecimentos necessários à sociedade, no contexto da mundialização e, talvez, da mercantilização da universidade, como pode ser visto por aqui, entre nós, no contexto brasileiro.

A polêmica da mundialização do ensino, inclusive na França, é tida como um fenômeno inevitável, que apresenta vantagens e inconvenientes e, com isso em mente, os autores discutem a possibilidade de um “modelo europeu de ensino superior”, já existente, e a influência que teria sobre essa nova conjuntura. Parte dessa imagem consiste em lembrar que as economias europeias se vêem, na atualidade, diante de uma terceira revolução industrial, que tem em seu aspecto imaterial o valor do conhecimento como sua matéria prima fundamental. Os princípios humanistas nos quais a educação francesa teria se desenvolvido, hoje não existiriam mais, em termos objetivos. Os autores apontam, de modo geral, para uma noção de convergência entre os sistemas de ensino superior, incluindo variações culturais, administrativas, comerciais e profissionais de cada um deles - culminando na ideia de uma espécie de Plano Marshall como solução para as universidades da Europa,

para as quais seria fundamental que se devolvessem a pesquisa, o crédito e a confiança, potencializando, também, o interesse de estudantes estrangeiros por essas instituições.

Considerando as contribuições de Davidenkoff e Kahn [1] e de Cury [3], em Reflexões a Respeito do Papel da Universidade face à tecno-ciência, partimos do Projeto de Pesquisa Os Efeitos da Globalização no Processo de Comunicação, para discutir o papel da informação e, conseqüentemente da informatização, no processo de Educação e, a partir dessa relação indissociável, questionar o desempenho atual da Universidade, em face do componente irreversível que é o avanço tecnológico.

Primeiramente, visualiza-se o papel da universidade e seus princípios norteadores no contexto de uma sociedade transformada, definindo suas responsabilidades diante da sujeição às tecnologias de informatização e reestruturando toda uma comunidade de pensamento para a qual não mais se percebe a fronteira entre pesquisa fundamental (descompromissada com finalidades utilitárias) e pesquisa finalizada (organizada em vista de sua utilização). Caberia, assim, redefinir os conceitos de comunidade e de instituição. A esse respeito, Derrida afirma que a função de apontar caminhos teóricos para a Universidade pertence ao chefe teórico, o docente, ao qual se confere a capacidade de ensinar. É coerente, então, um outro tipo de questão: como inserir a tecno-ciência nas condições atuais de ensino existentes na Universidade? Ou, até, como ensinar? E essa tem sido nossa preocupação, uma vez que a geração de universitários com que lidamos hoje é absolutamente visual, não se dedica a ler textos impressos, de maneira geral, e, portanto, há que se buscar novas formas, novas tecnologias, novas maneiras de proporcionar o diálogo que leve à aprendizagem real.

Caberia aos docentes direcionar a intensificação dos contatos entre humanos que ajudariam a formar, com a sociedade diante deles, para que esta os incorpore e, então, interfiram nela, conforme nos diz BARBERO [4]. A abordagem nova se constituiria pela multiplicação dos contatos e pela desterritorialização, características de nossa condição atual, que exige que entendamos os fenômenos culturais e sociais, a fim de neles atuar. Aparece, então, o conceito de virtualidade, de grande importância para o desenvolvimento dos estudos da educação a distância.

A interconexão crescente de nossa época reforçaria a centralidade do centro - os poderes: intelectual, econômico e político já estabelecidos - mas, ao mesmo tempo, permitiria o acesso a melhores condições de vida para os movimentos sociais e redes de solidariedade que, coletivamente, participariam desse poder - remetendo a algo parecido com a chamada Inteligência Coletiva [5]. Um poder caracterizado por maior capacidade de aprender e trabalhar cooperativamente, num contexto social de confiança e reconhecimento recíprocos. O fato, aqui, é que a globalização altera as condições do estar-no-mundo.

Além de se tratar de uma questão econômica, a globalização teria também efeitos múltiplos, que culminariam em alterações nas relações humanas. Como aponta Pierre Lévy [5], haverá, cada vez mais, menos excluídos. De acordo com MARTINS [6], a questão, entretanto, é saber se esse processo será de emancipação ou de criação de novas dependências. Os novos processos de mediação, nos quais implicam o surgimento do ciberespaço e dos quais a Universidade participa, provém dos indivíduos e correspondem às suas próprias necessidades e interesses. A imagem atua como vínculo social numa sociedade irrepresentável - Como, então, se abordariam intelectualmente os problemas ligados a esses fenômenos atuais? É preciso, primeiro, considerar que essa abordagem deve considerar um contexto vivo, mutante e de crescente inflação da comunicação humana.

Pode-se observar que a radical mudança no contexto cultural implica no fato de que o conhecimento e a informação deixam de ser escassos e estáveis, permanecendo em processo de expansão e renovação e também, de que os canais de informação e comunicação multiplicam-se cada vez mais.

No que diz respeito à Educação, esse setor acumula maior número de excludentes ou excluídos, grande concentração de poder, recursos e capacidades. E a internet, nesse caso, divide as nações entre educandos e iletrados, homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e adultos, urbanos e rurais: entretanto, convergem todos os Meios e os fazem coexistir em um espaço multidimensional, criando a sensação de que tudo depende do ponto de vista de quem observa. A Revolução Digital já excluiu e continua excluindo aqueles que permanecem na oralidade e no analfabetismo - seria fracasso da educação ou do educador? Ou questão política?

Com base nessas reflexões e inquietações cada vez maiores, foi organizada uma disciplina de Graduação para alunos de Comunicação, em Teoria e Métodos de Pesquisa, ainda em desenvolvimento no presente semestre, com o objetivo de enfatizar as novas condições de desenvolvimento científico tecnológico global. O grupo conta com aproximadamente sessenta alunos de duas habilitações do curso de Comunicação: Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, nos primeiros anos de formação universitária, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (Brasil).

O primeiro mês (março/2013) foi programado para contar a história da ciência e de como os cientistas fizeram as descobertas mais notáveis até hoje, através de uma série de filmes que mostram os diversos ganhadores do Prêmio Nobel; Stephen Hawking; Galileu Galilei; Thomas Kuhn, dentre outros. Os textos de apoio dialogavam com as ideias de maneira mais aprofundada, como é característico do texto impresso e dos livros em geral e, para tanto, foram escolhidos Ylya Prigogine e Isabelle Stengers como autores que tratam a questão dos novos paradigmas epistemológicos da ciência.

Outros filmes foram programados para tratar da questão das fronteiras entre as ciências e as artes, em especial o cinema, ou a arte cinematográfica. Então, o objetivo seguinte foi o de tratar das novas formas de comunicação e os textos escolhidos referem-se ao mundo digital, tais como os de Manuel Castells e Pierre Lévy. O foco teórico escolhido é o da Escola de Frankfurt, tendo J. Habermas como protagonista, juntamente com as perspectivas epistemológicas dos pensadores franceses Edgar Morin e Alain Touraine.

A terceira unidade do projeto, com início no final de abril, será dedicada a estratégias metodológicas e às etapas da pesquisa científica, sendo que o referencial teórico escolhido é Karl Popper, além da obra *O Dilema da Pesquisa* (CURY, 2008), um dos livros que elaboramos para orientar os alunos quanto aos passos a serem seguidos para a elaboração de projetos de pesquisa. Essa unidade de trabalho considera basicamente uma discussão sobre a divulgação científica com foco nos meios digitais e sua abrangência na sociedade como um todo. Por fim, os alunos, em grupo, devem elaborar um projeto de pesquisa na base teórico-epistemológica apresentada, com o tema já previamente escolhido: a comunicação digital.

A iniciativa tem como resultados esperados a realização de um modelo de trabalho colaborativo, como nos propõem as novas formas de comunicação digital e, ao mesmo tempo a avaliação dessa experiência por parte dos alunos envolvidos. Acreditamos que a apresentação deste trabalho seja interessante a grupos de especialistas ligados às tecnologias e ao desenvolvimento do conhecimento científico, a fim de verificar sua viabilidade para a formação de profissionais conscientes da finalidade da ciência e preparados para o exercício profissional em tempos de tecnologias digitais - que Davidenkoff e Kahn [1] prevêem como um dos grandes desafios das universidades na era da mundialização, ao lado da necessidade de trabalho colaborativo.

As reflexões inicialmente desenvolvidas e o caso apontado estão em conformidade com o debate trazido à tona pelo Relatório mundial da UNESCO [7] acerca das Sociedades do Conhecimento, evidenciando as possibilidades de transição entre as discutidas sociedades da informação - que se estabelecem nos avanços tecnológicos e correm riscos de apenas fornecer massas de dados indistintos para massas de sujeitos indistintos, - e as sociedades do conhecimento, que fariam uso da tecnologia e da tecnologia disponível, contribuindo para o bem-estar das pessoas e das comunidades, levando em conta dimensões sociais, éticas e políticas amplas. A maior recomendação da UNESCO [7] nesse sentido estaria no investimento em uma educação de qualidade para todos e na multiplicação dos locais de acesso comunitário às tecnologias da informação e da comunicação, que encorajariam o compartilhamento do saber científico entre países, a fim de reduzir as diferenças numéricas e cognitivas que separam o centro da periferia, e que abririam caminho para uma forma “inteligente” de desenvolvimento humano sustentável.

Não seria a Universidade, na maneira como propõem Davidenkoff e Kahn [1], um ambiente propício à educação de qualidade acessível e de acesso às tecnologias da informação e comunicação? Caso fosse, não seriam, então, os ambientes idealizados como fundamentais para o processo de desenvolvimento das Sociedades do Conhecimento que permitiriam a potencialização do que a globalização tem de melhor a oferecer?

Qual seria, afinal, um novo modelo de desenvolvimento que não implicasse em desigualdades e autoritarismos, mas, pelo contrário, em um

modelo colaborativo, baseado na importância dos serviços públicos, capaz de redefinir o objetivo último do desenvolvimento humano - a procura de liberdades substanciais - principalmente de acesso ao mercado de trabalho; a serviços de educação e saúde; à participação política; ao uso igualitário da informação e ao direito à segurança? Essas liberdades substanciais poderiam muito bem se confundir com a educação nas sociedades do conhecimento, que promoveriam este último como um valor - um valor que seria fundamentalmente, também, difundido pelos sistemas de ensino superior.

Se essa nossa perspectiva puder ser tida como certa, e considerando-se as sociedades em rede, em interconexão crescente, a conscientização dos indivíduos acerca de questões globais seria necessariamente potencializada nesses contextos fortemente articulados às tecnologias de informação e comunicação - sobretudo na Universidade - e essa conscientização pode ser instigadora da luta, luta como investimento não só em infraestrutura, mas sempre, em primeiro lugar, em educação.

Peter Drucker [8] (professor americano que foi considerado o pai da administração moderna) afirma: “Em uma sociedade e uma economia em que o conhecimento é o recurso fundamental e mais caro, a educação contínua é o de que mais precisamos.” E a pergunta que passa a ser colocada agora é:

- poderia ser a chamada educação contínua a principal tarefa da Educação a Distância? Quando os sujeitos já formados, sem condições de deslocamento por razões profissionais e familiares passam a ser os melhores representantes dessa modalidade de educação? Seria possível fazer tal afirmação?

Nas nossas reflexões seguiremos procurando respostas para a indagação com a qual iniciamos este artigo, de forma que encontramos no tema, um vasto campo de problemas e de motivos para buscar compreendê-los, no sentido de ampliar o estudo da Educação a Distância, principalmente no que diz respeito à Educação Superior.

Referências

[1] DAVINDENKOFF, Emmanuel e KAHN, Sylvain. Les Universités: sont-elles solubles dans la Mondialisation? Paris: Hachette, 2006

[2] DERRIDA, Jacques. O Olho da Universidade. São Paulo, Estação Liberdade, 1999.

- [3] CURY, Lucilene. Reflexões a respeito do Papel da universidade face à tecnologia. Manaus, 2000.
- [3] _____ O Dilema da Pesquisa - Um Modelo para Iniciantes. São Paulo, EDUSP, 2008
- [4] BARBERO, Jesús M. De los Medios a Las Mediaciones. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1987.
- [5] LÉVY, Pierre. Tecnologias da Inteligência - O Futuro do Pensamento na Era da Infomática. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- [6] MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da (org.). Para Navegar no Século XXI. Porto Alegre, Edit. Sulina, 2000, 2a. ed.
- [7] Bindé, Jérôme. Rumo às sociedades do conhecimento: relatório mundial da UNESCO. UNESCO, 2005.
- [8] DRUCKER, Peter. É preciso assumir duas novas responsabilidades. Folha de São Paulo, caderno Empregos, 12 de abril de 2001.